

PARALELISMO DAS PERIFERIAS CP/VP/DP NA FOCALIZAÇÃO DO SUJEITO

Sandra Quarezemin (UFSC)
sandra@cce.ufsc.br

Introdução

O trabalho trata da relação entre o sujeito focalizado e as periferias CP/VP/DP, busca um tratamento paralelo para as posições de periferia tanto na sentença quanto dentro do sintagma nominal. Um dos objetivos desse estudo é mostrar como o sujeito focalizado em português brasileiro (doravante PB) explora as posições de foco dentro das periferias.

Dentro dos estudos cartográficos, Rizzi (1997) propõe uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença tornando o sistema CP uma estrutura complexa. A extensão do CP ocorre para acomodar constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. Belletti (2004) analisa as sentenças com a ordem verbo-sujeito (VS) do italiano e propõe uma área acima de VP para os constituintes com funções discursivas de tópico e foco. As interpretações destes constituintes vêm da relação estabelecida entre o núcleo Foc/Top e seu especificador. A área acima de VP passa a ter disponível a projeção FocP e a projeção TopP. Aboh (2004) propõe que as noções de tópico e de foco podem ser codificadas dentro da estrutura nominal. O sistema nominal apresenta uma periferia esquerda articulada com projeções de tópico e de foco cujos especificadores contêm constituintes topicalizados e focalizados fronteados. Essa proposta é conhecida como *split-DP*.

O mecanismo utilizado na focalização do sujeito muda de acordo com a sintaxe das línguas: há línguas que permitem flexibilidade/variação na ordem de constituintes nas sentenças, como o italiano, o espanhol, o português europeu, o grego; enquanto outras não apresentam a possibilidade de variação na ordem dos constituintes, como o inglês e o francês. O primeiro grupo permite que um sujeito apareça em posição pós-verbal na sentença quando tem a interpretação de foco de informação, enquanto o segundo grupo não dispõe deste recurso para focalizar o sujeito. O PB aparece como uma língua que ora está mais próximo do primeiro grupo ora do segundo, uma vez que permite variação na ordem de constituintes, ainda que em contextos restritos, e, ao mesmo tempo, apresenta-se como uma língua menos flexível.

Neste estudo propomos que, devido a esse comportamento do PB, o sujeito foco de informação das sentenças SV deve ocupar uma posição periférica dentro do sintagma nominal. O trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção do trabalho definimos foco e mostramos a diferença entre o foco de informação e o foco contrastivo; na seção seguinte apresentamos um estudo sobre as periferias da sentença e do domínio nominal; depois disso, mostramos como o sujeito é focalizado nas sentenças simples do PB; por fim, apresentamos a proposta de análise para o sujeito foco de informação das sentenças SV.

1. Constituintes focalizados

A interface sintaxe-semântica-prosódia é fundamental para a identificação do foco. Há pelo menos dois modos distintos de dizer o que é foco: informação nova¹ ou informação não-pressuposta da sentença. Claro que são definições muito gerais e insuficientes, pois há um conjunto de propriedades distintas que permitem a identificação do foco.

O contexto desempenha um papel fundamental na identificação do foco de uma sentença, a não ser que a sintaxe dela explicita que houve uma operação de focalização, como o que acontece com as clivadas. A operação se processa de tal forma que a estrutura resultante tem uma posição destinada para o constituinte focalizado. De fato, se aplicamos o processo de clivagem à sentença (1) obtemos (2):

- (1) O João parou de fumar.
- (2) a. Foi o João que parou de fumar.
b. Foi de fumar que o João parou.
c. ?Foi parar de fumar que o João fez.

O foco em cada uma das sentenças em (2) é o constituinte situado entre a cópula *foi* e o complementizador *que*. Isto pode ser assegurado sem que precisemos recorrer a contextos previamente estabelecidos.

Entretanto, se não é construída na sintaxe uma estrutura que indique qual é o foco, precisamos recorrer ao contexto para identificar o constituinte focalizado. É o que faz Zubizarreta (1998). Tendo em vista dois tipos de foco e o traço semântico [contraste], a autora fixa uma interrogativa-Wh como um contexto para o foco não-contrastivo, entendido como a informação que a pergunta solicita; e uma afirmação prévia como um contexto apropriado para o foco contrastivo, entendido como uma correção da afirmação prévia.

Consideremos (3):

- (3) a. O que o João comeu?
b. O João comeu [_F a torta].²

O constituinte *a torta*, que responde a pergunta (3a) substituindo a expressão-Wh, é o foco da sentença (3b). A pergunta além de estabelecer o foco da sentença, pois solicita ao ouvinte que ele forneça uma informação desconhecida por parte do falante, também determina qual é a pressuposição. Substituindo a expressão-Wh da pergunta por um indefinido, como em (4), temos a pressuposição:

- (4) O João comeu *alguma coisa*.

¹ De acordo com Zubizarreta (1998:160-161), não é seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha da sentença, visto que a informação velha também pode ser focalizada.

(i) a. João comeu um hambúrguer ou um cachorro-quente?

b. João comeu um [_F hambúrguer]¹.

Verificamos que o foco que aparece na sentença (ib) já está na pergunta em (ia), não pode ser considerada informação nova. Se for analisado como informação não-pressuposta, não temos problema quanto ao fato de o elemento *hambúrguer* já ter aparecido na sentença anterior. O que está em jogo na pressuposição da sentença é que *João comeu alguma coisa*.

² Utilizamos o diacrítico F para foco de informação e o uso de letras maiúsculas para o foco contrastivo.

O foco contrastivo é identificado em um contexto como (5):

- (5) a. O João comeu um pastel.
- b. O João comeu UMA TORTA (não um pastel).

O constituinte focalizado em (5b), além de veicular a informação que funciona como uma correção, apresenta um contraste em relação a outro constituinte, a expressão entre parênteses. Este foco nega o valor da variável da afirmação contextual, para, em seguida, atribuir um novo valor a ela. Assim, em (5b) o falante nega o valor estabelecido para a variável *x* (*um pastel*) e introduz um novo valor para ela (*uma torta*).

Kiss (1998) considera o traço [exaustivo] um traço semântico relevante para distinguir dois tipos de foco. O constituinte focalizado que é marcado pelo valor positivo do traço [exaustivo] deve ser lido como [*x e apenas x*]. Analisemos a sentença (6):

- (6) Foi UM CARRO que a Maria ganhou.

Verificamos que esta sentença apresenta um foco deslocado da posição de objeto (*um carro*) indicando identificação exaustiva: dentre um conjunto de presentes que a Maria poderia ter ganhado foi somente *um carro* que ela ganhou. Assim, o único valor para a variável *x* é *um carro*. Este é justamente o papel semântico-comunicativo do foco de identificação apontado pela autora.

2. As periferias CP/VP/DP – abordagem cartográfica

2.1 Periferia CP

O sistema CP é uma área que articula o conteúdo proposicional expresso pelo IP e a estrutura superior que pode ser a sentença matriz ou o discurso. A extensão do CP ocorre para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo.

Rizzi (1997) propõe dois subsistemas na periferia CP: o subsistema ForceP – FinP e o subsistema TopP-FocP. A categoria ForceP é responsável pelo tipo de sentença (interrogativa, declarativa etc.) e pela relação desta com a estrutura superior. A categoria FinP conecta o domínio CP com o IP e codifica informações que expressam a finitude da sentença.

- (7) a. O João perguntou [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].
- b. *O João perguntou [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
- (8) a. O João acha [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
- b. *O João acha [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

O tipo de FinP selecionado vai depender do tipo de ForceP que está presente na sentença.

- (9) a. O João acha que os cachorros fugiram.
- b. O que fazer com esses alunos?
- c. Não sentar no corredor do ônibus.

3. Sujeito focalizado em português brasileiro

O problema de focalizar o sujeito sem recorrer ao acento contrastivo vem à tona quando o PB, que focaliza o sujeito em posição pré-verbal, é comparado com outras línguas românicas que o focalizam em posição pós-verbal exibindo o fenômeno da inversão livre. A inversão para focalizar o sujeito nessas últimas línguas é atribuída, em geral, à uma tendência de fazer com que o acento nuclear da sentença coincida com o acento focal. Se se assume que, na ausência de focalização, o sujeito se posiciona antes do verbo (em Spec IP), então faz sentido que a inversão seja necessária: sem inversão, jamais poderia haver coincidência entre os dois acentos.

Por isso, a focalização do sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na focalização do objeto. Observando como o objeto é focalizado em (19), vemos que nenhum reposicionamento do objeto é necessário já que ele se encontra na posição natural para receber o acento nuclear da sentença.

- (19) Maria comprou [_F um carro].
(O que Maria comprou?)

Podemos dizer que uma língua que focaliza o sujeito em posição pós-verbal reflete a atuação de algum processo desencadeado para fazer com que ele receba o acento nuclear. É isso que se observa nos exemplos do espanhol, do italiano e do PE, respectivamente, em (20):

- (20) a. Comió una manzana [_F Juan].
b. L'ha mangiata [_F la mamma].
c. Comeu uma maçã [_F o João].

Como estas sentenças não são naturais no PB, observamos que outra coisa tem que ser dita para explicar o fenômeno e mostrar em quais pontos esta língua se distancia das línguas-irmãs. Nesta língua, o sujeito de informação pode ser focalizado na posição pré-verbal, o que evidencia a impossibilidade de o acento do foco coincidir com o acento nuclear da sentença:

- (21) [_F O João] comeu uma maçã.
(Quem comeu uma maçã?)

Assim, o sujeito é o único constituinte que pode ser foco de informação mesmo se posicionado antes do verbo.

Nas sentenças com verbos inacusativos e intransitivos no PB o sujeito pode estar em posição pós-verbal para receber o acento nuclear e a interpretação de foco de informação, independentemente de o sujeito ser definido ou indefinido³:

- (22) a. Quem chegou?

³ Alguns falantes aceitam a posposição do sujeito apenas com verbos inacusativos e com foco indefinido e menos animado, como em (ib). A posposição com verbos intransitivos é menos aceita.

(i) a. Quem chegou?

b. Chegou [_F uma encomenda].

Segundo Guesser (2007), a interpretação focal de um sujeito que aparece na ordem VS com verbos inacusativos em PB corresponde a um processo de focalização amplo. Nesses casos, toda a sentença é interpretada como foco de informação nova.

b. Chegou [_F o João/um aluno].

- (23) a. Quem telefonou?
b. Telefonou [_F o João/um aluno].

A partir disso, verificamos que, se de um lado, o PB se comporta como o italiano, o espanhol e o PE, recorrendo à inversão do sujeito para focalizá-lo, de outro lado, distancia-se destas línguas, como quando a sentença contém um verbo transitivo. Nesse caso, o sujeito é focalizado em posição pré-verbal.

Quando recorremos ao acento contrastivo para focalizar o sujeito no PB, constatamos que não há nenhum problema com o fato de o sujeito estar antes do verbo, como em (24):

- (24) A MARIA comprou um carro (não a Ana).

Nessa sentença, o sujeito é interpretado como foco contrastivo e a pressuposição é desacentuada. O PB não precisa apresentar nenhum recurso especial para derivar esse tipo de sentença. A derivação de (24) é como (25):

- (25) [_{FocP} A MARIA_i [_{IP} t_i [_I comprou_j [_{VP} t_i t_j um carro]]]]

Em (25), o objeto permanece na posição de complemento de VP, o verbo sobe para o núcleo I para se amalgamar à flexão e o sujeito focalizado contrastivamente se move para o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença, ocupando, assim, a posição destinada ao constituinte que é interpretado como foco contrastivo.

Uma outra situação se verifica quando se trata da derivação de uma sentença com o sujeito pré-verbal interpretado como foco de informação, como em (21). Neste caso, a derivação é como (26), assumindo que existe um FocP na periferia esquerda do VP:

- (26) [_{IP} O João_i [_I comeu_j [_{FocP} t_i [_{VP} t_i t_j uma maçã]]]]

Seguindo a derivação em (26), observamos que o sujeito *o João* não ocupa o especificador de FocP interno a IP, posição destinada ao foco de informação, apenas passa por esta posição e deixa um vestígio. A sua posição final é o especificador de IP. Ainda, de acordo com a regra de acentuação, o sujeito focalizado antes do verbo não permite uma situação em que haja coincidência entre o acento focal e o acento nuclear na sentença.

A focalização do sujeito no PB levanta um problema para a abordagem cartográfica que é assumida neste estudo, pois a interpretação de cada tipo de foco é o resultado de uma posição específica ocupada por ele na estrutura sintática. O que verificamos em (26) é que o sujeito focalizado passa pelo Spec FocP, mas não permanece nessa posição. A pergunta que fica é como ele checa o traço foco sem gerar conflito com o congelamento criterial⁴? Essa questão será explorada na seção que segue.

⁴ De acordo com a teoria de critérios, quando o constituinte focalizado que satisfaz o critério Foco encontra a categoria FocP na estrutura, ele é congelado ali. A cadeia formada por ele e o seu vestígio não pode mais se estender. Isso é o que Rizzi (2004) denomina de congelamento criterial (*Criterial Freezing*). Segundo o autor, no momento em que o elemento focalizado é congelado no especificador de FocP, o sistema interpretativo recebe a informação de que o constituinte que preenche aquele Spec é para ser interpretado como foco.

4. A focalização do sujeito e as periferias

De acordo com Quarezemin (2009), uma das estratégias de focalizar o sujeito em PB é o uso da sentença simples SVO. Diferentemente, do italiano, espanhol e PE, não há nenhuma alteração na ordem linear dos constituintes na sentença. Nesse caso, a ordem SV é combinada com uma prosódia especial que destaca o sujeito, como ocorre em inglês.

No caso do sujeito foco contrastivo, como em (27a), não há problema em ele sair da sua posição temática (Spec VP), checar o Caso nominativo em Spec IP e continuar seu movimento até Spec FocP para checar o traço de foco na periferia esquerda da sentença.

- (27) a. A ANA beijou o João (não a Paula).
b. [_{FocP} A ANA_i [_{IP} t_i [_I beijou_j [_{VP} t_i t_j o João]]]]

O mesmo não pode ser dito para os casos de sujeito foco de informação. A focalização do sujeito na sentença SV não é somente uma consequência da prosódia especial que incide sobre ele. Propomos, seguindo os estudos cartográficos, que a forma fonológica recebe a estrutura do componente sintático, identifica que o sujeito pré-verbal está em uma posição dedicada a sua propriedade de foco e, somente depois, atribui a ele um acento especial.

Dessa forma, é necessário que a sintaxe envie alguma pista aos componentes de performance para que a sentença com sujeito focalizado seja corretamente interpretada. Se a focalização do sujeito fosse estritamente prosódica, como a forma lógica interpretaria corretamente aquele constituinte? Visto que não há conversa entre o componente conceitual e o articulatório. De acordo com Bocci (2007), não há duas abordagens independentes: sintaxe de um lado, e fonologia do outro. Há um sistema único que trabalha conjuntamente sintaxe-prosódia. A computação parte do léxico (numeração) em direção a sintaxe que aplica as operações necessárias para estruturar a sentença e, depois, envia a representação para forma fonológica, que aplica as regras intrínsecas ao seu componente.

No caso do sujeito foco de informação na sentença SV qual seria a informação enviada pela sintaxe aos componentes de performance? O sujeito não pode ocupar Spec FocP na periferia esquerda da sentença porque é uma posição destinada ao foco contrastivo⁵; também não pode ocupar Spec FocP acima de VP porque geraria uma sentença VS, que não é o caso descrito; também não pode passar por essa posição, deixar um vestígio e seguir até Spec IP porque violaria o congelamento criterial. A alternativa proposta nesse trabalho é a ativação da periferia DP. Nesse caso uma posição específica de foco dentro do domínio nominal sinalizaria para os componentes de performance que o sujeito que está ali é o foco da sentença.

⁵ Se essa posição fosse válida para o sujeito foco de informação, também deveria ser válida para um objeto foco de informação. E esse não é o caso. Uma interrogativa-Wh como (ia) não pode ser respondida por uma sentença como (ib).

(i) a. O que o João comeu?

b. #O bolo o João comeu.

O deslocamento do objeto só é possível nos casos em que ele possui o traço [+contrast], ocupando a posição de foco na periferia esquerda da sentença.

Propomos que o sujeito sai diretamente da posição criterial (Spec VP), não passa por Spec TP (cf. Menuzzi, 2001). Não há nenhum problema com a checagem de Caso nominativo, pois é feita por meio de *Agree*⁶.

A posição FocP interna a DP nos casos de sujeito foco de informação nas sentenças SV do PB não é uma posição *default* como é FocP acima de VP e FocP no domínio CP. Mas é necessária visto que o PB emprega a sentença SV como estratégia de focalizar o sujeito e que as interfaces PF e LF interpretam a sentença da configuração sintática. O PB não é uma língua que acessa a posição baixa de foco nos casos de sujeito foco de informação, como o italiano. O único caso em PB no qual o sujeito foco de informação pode ocupar o Spec FocP acima de VC é quando ele aparece em posição pós-verbal.

Conclusão

De acordo com a abordagem cartográfica, os constituintes com a propriedade discursiva de foco devem ocupar posições específicas na estrutura sintática. Cada uma dessas posições se refere a um tipo específico de foco. Por isso não é possível que um foco de informação ocupe ora Spec FocP na periferia esquerda da sentença ora Spec FocP acima de VP.

A focalização do sujeito em PB é particular porque, diferentemente de línguas como o italiano, espanhol e o português europeu, o sujeito só aparece depois do verbo em contextos restritos. Essa situação indica que a posição FocP acima de VP, destinada ao foco de informação, raramente é preenchida pelo sujeito focalizado em PB.

O sujeito foco de informação não ocupa uma posição foco tão baixa quanto à posição foco do italiano, mas também não está em uma posição fora do domínio sentencial. Se o sujeito ocupasse uma posição na periferia esquerda da sentença, o objeto foco de informação também teria acesso a essa mesma posição. Contudo, não é possível responder uma simples interrogativa-Wh em PB com um objeto deslocado.

O estudo apresentado aqui favorece a proposta de um paralelismo das periferias CP/VP/DP. O sujeito foco contrastivo figura em uma posição específica de foco na periferia esquerda da sentença, enquanto o sujeito foco de informação pode estar na área acima de VP, nas sentenças VS, ou dentro do domínio nominal, nas sentenças SV.

Referências bibliográficas

- ABOH, Enoch. Topic and focus within D. *Linguistics in the Netherlands*. vol 21: 1-12. 2004.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In RIZZI, Luigi (Ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, New York: Oxford University Press. pp. 16-51. 2004.
- BOCCI, Giuliano. Criterial positions and left periphery in Italian: evidence for the syntactic encoding of contrastive focus. *Nanzan Linguistics: Special Issue*. 2007.

⁶ Chomsky (2001) afirma que Caso não desencadeia movimento porque há a relação sonda-alvo entre dois elementos de uma cadeia que elimina do sistema o traço não-interpretável de Caso através de *Agree*. O desencadeador do movimento de constituintes é um traço-phi, como EPP.

- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: Kenstowicz, M. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press. 2001.
- GUESSER, Simone. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in Portuguese Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Siena: Università di Siena. 2007.
- KISS, Katalin. Focus Identificational versus Information Focus. *Language*, v. 74 (2), 245-273. 1998.
- MENUZZI, Sérgio. That-Trace Effects in Portuguese. In: MIOTO, Carlos; MOURA, Heronides Maurílio de Melo; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (Eds.), *Fórum Linguístico*. v. 2, n. 2, p. 13-39. 2001.
- MIOTO, Carlos. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, vol 61. Curitiba: Editora UFPR, 169-189. 2003.
- QUAREZEMIN, Sandra. *Estratégias de focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.
- RIZZI, Luigi. The fine structures of left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (org.). *Elements of Grammar*. Klumer Academic Publishers. pp. 281-337. 1997.
- _____. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, Adriana (org.). *Structure and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3, New York: Oxford University Press. pp. 223-251. 2004.
- RIZZI, Luigi; SHLONSKY, Ur. Strategies of Subject Extraction. In: U. Sauerland and H.M. 2007.
- ZUBIZARRETA, Maria Luiza. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MIT Press. 1998.